

6 cen. Branc

Somos nós que fazemos a Nação; não o governo.

* 6 SET 1989

Submetida, nos últimos anos, a sucessivos choques heterodoxos, choques fiscais e choques regulatórios com os quais as autoridades diziam resolver uma crise que, como está claro hoje, se localiza no caráter perdulário e populista do Estado brasileiro, a iniciativa privada sofreu muito. Em alguns momentos, por força dos congelamentos, perdeu o mecanismo sinalizador representado pelos preços livres, indispensáveis para se determinar o que, para quem, quanto e a que preço produzir. A persistência da inflação em níveis absurdamente elevados, ainda que tenha criado mecanismos que garantem razoável convivência com o mal, tornou o futuro incerto e complicou qualquer planejamento de médio ou longo prazo. A cada nova onda provocada pela crise em que se meteu (e da qual não consegue sair), o Estado avançou sobre as economias do setor privado e multiplicou seus controles sobre as empresas particulares, desestimulando as atividades produtivas. Mas a empresa privada resistiu a tudo isso. E vai muito bem.

No ano passado, as 500 maiores empresas do país, responsáveis pela geração de US\$ 140 bilhões em produtos e serviços (cerca de 40% do Produto Interno Bruto brasileiro), venderam mais e lucraram mais do que em 1987 e conseguiram manter um baixo nível de endividamento, como mostra o anuário "Melhores e Maiores" que a revista **Exame** acaba de publicar. A crise circunscreve-se aos limites do Estado. As estatais, diagnostica a revista, encontram-se em "estágio pré-falimentar", caminhando "para o mesmo infortúnio em que já se debate a administração direta".

Ao colapso do Estado, de fato, a sociedade brasileira está respondendo com sua mobilização. Há, como revela a série de reportagens sobre o Brasil real que o **Jornal da Tarde** está publicando desde segunda-feira, um Brasil que funciona, trabalha e prospera, apesar das dificuldades criadas pelo **Brasil que atrapalha**, ou seja, pelo Estado e os que vivem dele, direta ou indiretamente, como mostramos em nosso editorial de ontem.

A pujança do **Brasil que trabalha** — apesar de sua forçada convivência com o **Brasil que atrapalha** — é que torna nosso país diferente da Argentina. Ali, o longo domínio peronista praticamente lixidou a capacidade de reação do setor produtivo privado, o que torna imensamente difícil a tarefa de recolocar a economia nos trilhos, que cabe ironicamente a um presidente cuja carreira foi feita no peronismo. Aqui, a resistência do setor privado nos dá a certeza de que poderemos superar a crise — e o objetivo da série de reportagens que estamos publicando não é outro senão o de chamar a atenção sobre o que os brasileiros fazem nesse sentido — até à revelia do governo.

Não será, por certo, uma caminhada fácil. A economia emite sinais de reaquecimento, mas um exame atento desses sinais acaba por recomendar muita cautela com relação ao futuro próximo. É o caso, por exemplo, da produção industrial, que em julho último mostrou um crescimento de 32% em relação à média de 1988, a maior taxa desde fevereiro de 1987 (33,3%), quando a demanda gerada pelo Plano Cruzado chegava ao seu auge.

Embora alta, essa taxa não chega a surpreender, pois, como ressaltam os técnicos do IBGE, numa década caracterizada pela estagnação, oscilações da produção nesse nível não são raras. Mesmo assim, essa expansão da indústria já é bastante para desenhar um quadro problemático nos próximos meses. A indústria vem encontrando dificuldades para atender aos pedidos que lhe chegam do comércio; na outra ponta, ela vem enfrentando também o problema do suprimento de insumos. A Fiesp estima que a indústria paulista esteja trabalhando hoje no limite de sua capacidade instalada, sem condições, portanto, de atender a um aumento expressivo de demanda.

Este é o retrato mais dramático do que os especialistas convencionaram chamar de década perdida. A produção brasileira estagnou; o crescimento do PIB, quando ocorre, é menor do que o aumento da população. A cada ano o brasileiro fica um pouco mais pobre. Do ponto de vista estatístico isso pode ser visto também na taxa de investimentos da economia brasileira (essa taxa resulta da soma das poupanças do Estado, da iniciativa privada e do exterior). Ela despencou dos 25% que mostrava há 15 anos para algo em torno de 17%.

O responsável por essa queda, nos últimos anos, é o Estado, que, com déficit e sem condições de investir, acabou tomando do setor privado recursos que poderiam ser aplicados na expansão e modernização do sistema produtivo. A poupança do setor privado, que atingiu seu ponto mínimo em 1982 (início da recessão que marcou a década), veio subindo até superar os 20% no ano passado.

E é isso que nos autoriza a afirmar que existem no país condições para sairmos da crise, até à revelia do governo. O consultor de empresas Antoninho Marmo Trevisan disse há dias ao **Jornal da Tarde** que circulam no **overnight** perto de US\$ 115 bilhões, dinheiro que o setor privado empresta ao governo. Há cálculos apontando para um total de US\$ 150 bilhões que os grupos empresariais brasileiros acumularam como resultado de sua política de busca de eficiência para enfrentar a recessão.

É preciso coragem para fazer que esse dinheiro, hoje ocioso, seja canalizado para a produção. É preciso que os empresários assumam o risco inerente ao investimento sem esperar por um governo que inspire confiança. Como disse o empresário Antônio Ermírio de Moraes, em entrevista a este jornal, "nós temos que esquecer o governo (...) e começar a trabalhar. (...) Somos nós que fazemos a Nação; não é o presidente da República".